

Sem Convenção, sem produção!

Este é o 3º ano que o Sindipeças dá as costas aos trabalhadores da nossa região, deixando-os sem as garantias do acordo coletivo. É hora de dar um basta a essa intransigência patronal



Sem organização, mobilização e greve, situação pode piorar para os trabalhadores nas autopeças. É preciso reagir!

O setor de autopeças emprega 162,3 mil trabalhadores; a maior parte no interior de São Paulo. Em Campinas e região, emprega cerca de 16.500 trabalhadores, o que representa 24,26% da categoria.

Após meses de negociação com os sindicatos patronais, vários acordos foram assinados com reajustes salariais diferenciados a partir do INPC mais a renovação da Convenção Coletiva.

Vários setores economicamente

menores, e grandes empresas como Samsung, Dell, Gevisa e Itrón chamaram o Sindicato para negociar e fecharam acordo inclusive acima do INPC, chegando a até 3,5% mais a renovação da CCT por até dois anos.

No setor de autopeças, porém, ainda estamos sem acordo, pois o Sindipeças, o sindicato patronal das empresas de autopeças, continua intransigente.

Além de propor zero de aumento real, os patrões das autopeças, onde a

cada 10 trabalhadores adoecidos 8 são vítimas do ritmo acelerado e das péssimas condições de trabalho, continua se recusando também a renovar as cláusulas sociais, principalmente aquela que garante estabilidade até a aposentadoria aos trabalhadores acidentados/adoecidos pelo trabalho.

Ou seja, para além da questão econômica, porque nesta campanha salarial o mais importante é a renovação da Convenção Coletiva que em vários pontos supera a legislação e

pode dificultar a aplicação da Reforma Trabalhista nas fábricas da região, a razão porque o Sindipeças vem deixando seus trabalhadores sem ganho real e sem nenhuma garantia, abandonando-os à própria sorte, é exclusivamente política.

A produção nas autopeças da nossa região está bombando tanto que os patrões não deram férias coletivas, ao contrário estão trabalhando com horas extras e contratando trabalhadores temporários e efetivos.

Dinheiro tem, mas eles não querem dividir com ninguém

Os números publicados pela Anfavea e pelo próprio Sindipeças não deixam dúvida: o setor automotivo, que inclui as autopeças, lucrou e muito nos últimos anos.

Em 2016, o setor de autopeças faturou US\$ 18,1 bilhões, o equivalente a R\$ 63 bilhões.

E de janeiro a julho de 2017, houve alta de 17% em relação ao mesmo período de 2016; somente em março, o faturamento cresceu 19,74%.

O número de trabalhadores caiu 2,88% frente a março de 2016, e em um ano acumulou queda de 10,24%.

Mesmo assim, o setor produziu utilizando 62% da sua capacidade instalada.

O trabalhador, se não foi demitido, ralou, mas não levou.

Com exceção da Benteler, que assinou acordo reajustando os salários em 3,5% e renovando a CCT, as demais empresas como Bosch, Eaton, Valeo, Mann-Hummel, MagnetiMarelli, entre outras, até agora o máximo que fez foi repassar 1,73% aos salários e nada mais.

Para os trabalhadores a saída é se conscientizar e lutar!

Ficar parado, alheio ao que acontece, ou com medo não leva a lugar nenhum; não faz cessar os ataques, nem protege ninguém.

Portanto, fique atento e preparado para lutar contra a retirada dos direitos duramente conquistados e garantidos na nossa Convenção.

O Sindicato somos todos nós, e somente o conjunto dos trabalhadores poderá quebrar a intransigência dos patrões.

O caminho é preparar a necessária greve, caso não haja negociação.



Reforma Trabalhista

É preciso resistir aos ataques aos Sindicatos dos trabalhadores

Do que temos, nada nos foi dado de mão-beijada; tudo foi arrancado dos patrões e governos à custa de muita organização e luta dos trabalhadores junto com seus sindicatos

Pisos salariais bem acima do salário mínimo, melhores condições de trabalho, redução da jornada sem redução de salário, adicional noturno de 50%, licença maternidade de 180 dias, estabilidade até a aposentadoria aos acidentados/adoecidos pelo trabalho.

A lista de direitos duramente conquistados nas Convenções Coletivas do nosso Sindicato é longa e deve ser corajosamente defendida pelos trabalhadores.

Sindicalizar-se é um direito!

Junto com o massacre aos direitos dos trabalhadores, que veio com a



Reforma Trabalhista, os sindicatos dos trabalhadores e a organização no local de trabalho orientada para defender os

direitos e os interesses do conjunto dos trabalhadores também estão sendo duramente atacados.

E a propaganda antissindical dentro e fora das empresas tem sido tão forte que muitos trabalhadores têm caído no conto do patrão.

Mas a hora é de fortalecer o nosso Sindicato, porque se depender dos patrões em breve o trabalhador vai ter de pagar para trabalhar.

Portanto, é preciso resistir à conversa mole dos chefes e patrões; ficar esperto para não cair em ciladas; e cada vez mais se conscientizar de que sem a organização e a luta coletiva no local de trabalho nenhum direito será mantido, conquistado ou ampliado.

Patrões mantêm seus sindicatos fortes

Alguns trabalhadores ainda torcem o nariz quando o assunto é sindicato; não param para participar das assembleias, não leem os jornais; distanciam-se dos diretores na fábrica em que trabalha.

O fato é que por medo de perseguição da empresa ou por ainda desconhecerem a importância do Sindicato na sua vida profissional e na defesa de seus interesses e direitos, acabam deixando de se sindicalizar e contribuir, ou acabam atendendo à “orientação” da empresa de se desassociar do Sindicato.

Os patrões, ao contrário, sentem-se seguros ao se filiarem e fazem questão de manter com vultosas contribuições seus sindicatos fortes e atuantes na defesa de seus interesses empresariais. Enquanto fazem campanhas para afastar os trabalhadores de seus sindicatos, as empresas pagam por

ano aos seus sindicatos mais de R\$ 40 mil de taxa assistencial sindical.

Patrões unidos

CNI - É o principal sindicato patronal da indústria, que desde 1938 defende os interesses da indústria nacional. Representa 27 federações e 1.250 sindicatos patronais, aos quais são filiadas quase 700 mil indústrias. Administra o Sesi e o Senai e atua com as federações estaduais e os sindicatos patronais.

Fiesp - tem mais de 130 sindicatos filiados, divididos em 23 setores produtivos, representando 150 mil empresas. Em 2016, a Fiesp recebeu das empresas de taxa assistencial patronal R\$ 164 milhões.

Sindipeças - reúne 470 empresas, que só em 2015 exportaram US\$ 7,6 bilhões e faturaram cerca de R\$ 63 bilhões.

Portal Fiesp > Contribuição Sindical

CONTRIBUIÇÃO SINDICAL

Contribuição Sindical fortalece a indústria paulista

O pagamento da Contribuição Sindical Patronal é fundamental para manter em funcionamento os Sindicatos Patronais e a Federação das Indústrias do Estado de São Paulo (Fiesp). Com o apoio dos Sindicatos Patronais, a Fiesp trabalha continuamente em defesa da indústria paulista e coleciona uma série de conquistas - na Justiça, no Congresso e no Executivo - que têm impacto direto nos resultados das empresas.

Sobre a Contribuição Sindical Patronal

É um imposto que todas as empresas brasileiras devem pagar anualmente, no mês de janeiro. O valor é proporcional ao capital social da firma ou empresa, registrado na respectiva junta comercial ou órgão equivalente, como previsto no artigo 580 da Consolidação das Leis do Trabalho (CLT). O pagamento em atraso, depois de janeiro, deve ser feito somente em agências da Caixa Econômica Federal. Na emissão da guia, o valor da multa e da correção é calculado automaticamente.

A receita é distribuída entre as entidades sindicais que participam do sistema confederativo, sendo 60% para os sindicatos, 20% para a conta especial de emprego e salário, 15% para a federação estadual e 5% para a Confederação Nacional da Indústria (CNI).

O não recolhimento do imposto impede a participação em licitações públicas, além de comprometer a rotina administrativa da empresa, que sofrerá restrições ao solicitar empréstimos bancários ou buscar novas parcerias.